dia 1

Puff! Aconteci. Mais ninguém sabe, só eu. Há 1 segundo atrás, um espermatozóide do meu pai conseguiu entrar dentro do óvulo da minha mãe. Estavam os dois tão entretidos que não deram por nada (e que não estivessem, não iam dar por nada na mesma).

Aconteci num acto de amor, de salivas misturadas, de corações a bater forte. Aconteci no momento em que o meu pai olhou para a minha mãe como nunca tinha olhado. Aconteci no instante em que a minha mãe aceitou a prenda do olhar do meu pai e lhe sussurrou ao ouvido: "Amo-te."

Sou um ser absolutamente minúsculo e já sei tudo o que há para saber: se a minha mãe fizesse agora uma ecografia, não lhe iam saber dizer qual o meu sexo, isto é, partindo do princípio de que me conseguiam detectar. Mas eu sei que serei do sexo feminino. Já sou uma menina. Não sei se a minha mãe me vai permitir nascer, mas sei que sou uma menina e que a minha alma procurou a minha mãe durante muito tempo. Encontrar uma mãe que nos carregue e nos pemita nascer é isso, é um encontro de almas.

A minha alma ansiava pela da minha mãe. Por ela ser quem é e como é. Absolutamente pura e absurda, com uma dificuldade enorme em expressar o que de mais profundo é. Campeã das lutas que não levam a nada e com entusiasmos repentinos.

Chama-se Luísa, é solteira e tem mais de 30 anos. É linda, magra, nervosa. Só ela é que não sabe o quão bonita é.

O meu pai chama-se António. Tem mais de 40 anos e é empresário. É dono de uma empresa de consultadoria financeira.

A minha mãe é louca pelo António. Ela tem uma capacidade de amar e de dar que são raras. Eu considero que tal é a sua principal qualidade.

A minha mãe também é empresária. Mas não com muito sucesso. Tem uma empresa de eventos (ninguém sabe ao certo porquê) e por enquanto é só uma luta gigantesta, que ela trava todos os dias.

É engraçado a minha mãe não saber que eu existo e eu já saber tanto sobre ela. Sei que ela canta todos os dias uma música do Paul McCartney enquanto toma duche, "It's just another day". Sei que o creme de corpo que ela põe cheira a pêssego, sei que é alta e ruiva. Sei que gosta de cozido à portuguesa, de vinho tinto, de morangos, de gatos e que chora que nem uma desalmada quando vê filmes, especialmente quando vê o ET.

dia 2 | A minha mãe continua a não saber que eu estou cá.

A barriga dela é quente, morna e líquida.

A minha mãe faz mergulho de garrafa. Ela costuma dizer que mergulhar é entrar na mãe, é um salto para dentro do útero; líquido, morno e suave. Ela não sabe o quão certa está. Ou talvez saiba. Basta olhar para ela, ruiva e com uns olhos verdes que trespassam a alma e seduzem, para sentir que ela sabe muito acerca de muitas coisas. Há uns séculos atrás, uma mulher como ela teria sido condenada à fogueira, só pelo simples facto de existir.

Eu sei tantas coisas e tenho uma lembrança tão clara do que eu sou e do que os outros são porque ainda não entrei completamente na fisicalidade. Essa aventura só vai começar no momento do meu nascimento. Até lá, a minha alma está separada do corpo. Sei que aquele corpo vai ser meu, mas por enquanto ainda somos duas partes distintas do mesmo ser.

dia 3 | A minha mãe está desvairada. O António fez amor com ela e a seguir foi-se embora. Quando ela acordou ele já não estava ao lado dela.

A minha mãe oscila entre a fúria e a aceitação. Como tem quatro melhores amigas, quando acorda e constata que ele não está, pega no telefone e liga a todas. Conta a todas a mesma história e não ouve o que elas lhe dizem. Ser mulher é isso? É contar tudo às amigas, é pedir conselhos e depois... fazer tudo ao contrário?

dia 5 | Hoje foi dia de caminhada.

A minha mãe adora andar a pé. Vai a pé para toda a parte: de casa para o trabalho, do trabalho para casa do António, de casa do António para o cinema... Até de madrugada ela sai de casa, para uma caminhada nocturna.

O que eu não sabia era que ela gostava de caminhar à chuva. Hoje caminhou mais de 1h, sem destino nem direcção, debaixo duma chuvada que mais parecia um dilúvio.

Ensopada até aos ossos, com a chuva a bater-lhe na cara, ela caminhava e cantarolava, falava e resmungava sozinha.

Quando chegou a casa estava tão molhada que teve de se despir no patamar, fora de casa. Depois, agarrou na roupa ensopada e foi a correr tomar um duche bem quente. Ela suspirava de prazer.

Esta minha mãe tem uns gostos estranhos...

dia 8 | O António convidou a minha mãe para jantar.

Então, ela foi mais cedo para casa, para se arranjar. Nunca pensei que fosse necessário tanto pó, creme e sei lá mais o quê para uma mulher se pôr bonita.

A minha mãe decidiu esmerar-se. Antes de tomar banho pôs um creme para alourar os (poucos) pêlos que tem. Aquilo tem um cheiro horroroso e eu fiquei um bocadinho agoniada. Depois foi o esfoliante de rosto, seguido de uma máscara (ela parecia um palhaço, com aquela coisa na cara).

Seguiu-se um duche demorado, com direito a esfoliante de corpo, de pés, a máscara para o cabelo, a champô especial.

Depois foram os cremes: para o corpo, para os pés, para a cara, para o cabelo, para as mãos... como é possível que ela não se engane e não ponha o creme de rosto nos pés e o dos pés na cabeça? É tanta coisa...

Para escolher a roupa foi um sarilho. Mudou 4 vezes de *lingerie* e trocou 6 ou 7 vezes de roupa. Quando terminou, o quarto estava um caos, com saias, vestidos, camisolas e sapatos espalhados por todo o lado. E escolheu umas calças de ganga, uma t-shirt e umas botas! Tanta confusão para isto...

Reconheço que valeu a pena. Quando olhei para a minha mãe, no final, ela estava linda, os olhos a brilharem com a antecipação do comentário que o António iria fazer.

Quando for crescida espero que já existam varinhas mágicas que permitam uma pessoa arranjar-se em 3 tempos, porque assim é uma trabalheira desgraçada.

Mas a minha mãe não parecia estar muito aborrecida, se calhar compensa.

dia 9 | Como é domingo, a minha mãe passou todo o dia em casa.

Bem, durante a noite dormiu muito pouco. Ela e o António estiveram horas a fazer amor. Não me faria diferença se não fosse o barulho: eles gemeram tanto e sussurraram tanta coisa que eu não consegui dormir. Quando finalmente adormeceram, já era quase de dia. Caramba, eu preciso de dormir para crescer e com uns pais tão fogosos não é fácil.

Não é de admirar que a minha mãe tenha passado o dia em casa; ela e o António acordaram às 3h da tarde e foi com espanto meu que voltaram a fazer amor. Será que não se cansam? Aquilo é uma actividade cansativa, pernas para cima, pernas para baixo, braços para um lado, cabeça para o outro.

Quando o António foi para casa, a minha mãe ligou-lhe e disse:

– Obrigada. Amo-te.

E passou o resto do dia relaxada e contente.

dia 10 | Dia de pagar contas.

A minha mãe passou o dia a suspirar. Pagou a renda de casa, a renda do escritório, a conta da água, da electricidade, do telefone e da Internet.

Passou a dia a passar cheques e a ir a umas máquinas que existem na parede das ruas. Mete cartão, digita código, tira cartão e... suspiro.

Depois de muitos suspiros, descobriu que não tinha dinheiro para pagar a conta do telemóvel, que para ela é a coisa mais importante que existe. Dorme com o dito aparelhinho ligado, à cabeceira da cama.

Sem ele, como ligar para as amigas e como falar com o António de madrugada, para uma conversa tonta, mas que dura em média 1h?

Ligou a uma amiga a pedir dinheiro emprestado para pagar a conta do TM. Assunto resolvido e mais 2 ou 3 suspiros, desta vez de alívio.

dia 12 |

É um facto que as contas já estão todas pagas, mas para nós não sobrou quase nada.

A minha mãe pensa em dinheiro dia e noite. Deita-se com um nó no estomago e acorda com ele.

O António tem imenso dinheiro, mas a minha mãe prefere passar fome a pedir-lhe ajuda. Por isso, continua a suspirar.

Esta mulher é orgulhosa para lá do possível, para o bem e para o mal.

Se por um lado é o orgulho que lhe permite ter uma dignidade e uma correcção enormes, também a impede de pedir ajuda e de se vulnerabilizar.

Lá está ela, sem dinheiro, sem saber de mim, sem nada... mas de punhos cerrados, direita, de olhos secos a enfrentar o mundo inteiro. Sozinha.

dia 15 |

Assustei-me esta noite. Estava a dormir e senti uma convulsão, um terramoto. Afinal não era nada de grave, era só a minha mãe a vomitar. Como ela continua na santa ignorância acerca da minha pessoa, ligou a uma amiga (como não podia deixar de ser) a contar que estava indisposta e que devia ser do bife tártaro

que comera ao jantar. Pois... digo eu, quando descobrires que o bife tártaro tem pernas e respira até rebobinas ao contrário.

dia 17 | O António faz hoje anos.

Convidou a minha mãe para jantar em casa dele, só os dois. Ela ficou nas nuvens e decidiu compar-lhe um presente condigno.

Lá fomos nós para a Baixa, ela de cartão visa em riste, firmemente decidida a empenhar-se até ao tutano, mas, na opinião dela, ver o António contente justifica o sacrifício.

Corremos a Baixa toda e nada. Quando se trata do António, a minha mãe é de uma exigência a toda a prova.

Da Baixa, seguimos para as Amoreiras. Corremos tudo e nada.

A minha mãe queria oferecer uma prenda original, personalizada, sei lá mais o quê.

Lembrou-se de lhe oferecer um mapa astral. Ligou para um amigo dela que é astrólogo e lá marcou a consulta em nome do António.

Mas parece que para o mapa é preciso saber a hora de nascimento. Um telefonema para o António, que não fazia a mais pequena ideia das horas a que tinha nascido.

Então, fomos a correr para a Conservatória do Registo Civil, onde ele está registado, e às 15.30 estava tudo tratado.

Tendo em conta que começámos a romaria às 09.00 da manhã... pode dizer-se que foi um dia dedicado ao António.

Claro que a minha mãe já não foi trabalhar. Ela tinha de estar em casa do António às 20.30, pelo que o tempo que sobrava era à justa para ir para casa, descansar 1h e começar o ritual de se pôr bonita.

Às 20.30 já estava em casa do António, de mini-mini-mini saia e botas altas, sorridente e animada.